

A poesia de Manuel de Barros: entre o regional e o universal

Adilson Citelli*

*Graduado em Letras (1973), mestre em Literatura Brasileira (1982) e doutor em Literatura Brasileira (1990), todos pela Universidade de São Paulo. É professor titular do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP e dos programas de graduação e pós-graduação, onde ministra cursos e orienta dissertações e teses nas áreas de Comunicação e Linguagem, com ênfase nas subáreas: Comunicação/Educação, Comunicação/Linguagem. É coeditor da revista Comunicação & Educação**.*

E-mail: citelli@uol.com.br

Manoel Wenceslau Leite de Barros nasceu no dia 19 de dezembro de 1916, à beira do rio Cuiabá (MT). Morou também em Corumbá (MS) e no Rio de Janeiro. Atualmente, vive em Campo Grande (MS).

Seu pai, João Venceslau Barros, possuía uma fazenda no Pantanal, onde o menino Manoel, carinhosamente chamado de Nequinho, cresceu brincando. Frequentou colégio interno aos 8 anos em Campo Grande e, depois, no Rio de Janeiro. Não gostava de estudar até descobrir os livros do Padre Antônio Vieira: “A frase para ele era mais importante que a verdade, mais importante que a sua própria fé. O que importava era a estética, o alcance plástico. Foi quando percebi que o poeta não tem compromisso com a verdade, mas com a verossimilhança”¹. Ao longo dos anos passados nos internatos, leu avidamente os clássicos atentando para a escrita e as estratégias narrativas por eles produzidas.

Logo que deixou o colégio, Manoel de Barros leu *Une Saison en Enfer*, de Arthur Rimbaud, verificando que a produção do poema poderia resultar de jogos sinestésicos, com forte mistura entre percepções afeitas a sentidos diferentes – a cor que evoca a imagem, o som capaz de evidenciar o aroma etc. Engajou-se politicamente e entrou para a Juventude do Partido Comunista Brasileiro. Como havia pichado o slogan “Viva o comunismo” numa estátua, no momento em que ia ser preso pela polícia, a dona da pensão onde morava intercedeu pelo jovem publicista. O policial soube que o rapaz tinha escrito um livro e levou o único exemplar de *Nossa Senhora de minha escuridão* com ele, em troca da liberdade do moço de 18 anos.

Após uma decepção com o líder comunista Luiz Carlos Prestes, quando este apoiou Getúlio Vargas, Manoel rompeu com o PCB e foi para o Pantanal. Pouco tempo depois, viajou pela Bolívia, pelo Peru e morou um ano em Nova

* Com a colaboração de Cristine Vargas (revista *Comunicação & Educação* – ECA/USP e FFLCH/USP).

** É autor de inúmeros artigos e livros, dentre os quais se destacam: *Linguagem e persuasão* (Ática, 1994); *Comunicação e educação: a linguagem em movimento* (SENAC, 2000); *Palavras, meios de comunicação e educação* (Cortez, 2006).

1. Manoel de Barros. Disponível em: <http://www.releituras.com/manoeldebarros_bio.asp>. Acesso em 15 out. 2009.

York, onde fez cursos no Museu de Arte Moderna. Nessas andanças, o escritor foi aprendendo o sentido de liberdade que começou a conhecer quando saiu do colégio, alimentando sua poesia com imagens e sempre se encantando com quadros e filmes. Ao retornar ao Brasil, conheceu a mineira Stella, com quem se casou em três meses. Dessa relação, que perdura até a atualidade, nasceram três filhos: João, Pedro e Marta.

Manoel de Barros escreveu o primeiro poema aos 19 anos e morou no Rio de Janeiro até terminar o curso de Direito, em 1949. O seu primeiro livro, *Poemas concebidos sem pecado*, foi feito artesanalmente por amigos, numa tiragem de 21 exemplares. Nos anos 1980, sua poesia começou a aparecer ao público através de nomes como Millôr Fernandes, Fausto Wolff e Antônio Houaiss. Hoje o poeta é reconhecido nacional e internacionalmente como um dos mais importantes do Brasil e mais originais do século.

Dentre os prêmios recebidos pelo poeta, encontram-se: Prêmio Orlando Dantas pelo livro *Compêndio para uso dos pássaros*, em 1960; Prêmio Nestlé pelo *Livro sobre nada*, em 1997; Prêmio Jabuti de Literatura, na categoria Poesia, com o livro *O guardador de águas*, em 1989.

TRANSCENDENDO O ESPAÇO REGIONAL

Manoel de Barros consolidou sua trajetória como escritor regionalista, mentor do espaço pantaneiro. Tendo diversos títulos publicados no Brasil e no exterior, no período de 72 anos (desde *Poemas concebidos sem pecado*, publicado em 1937, até *Memórias inventadas III – A terceira infância*, de 2007), é difícil definir uma produção tão extensa com uma característica estanque; contudo, não se pode ignorar que este traço regionalista de alcance universal constitui a base de sua obra, tornando-a peculiar. Dessa maneira, o que se busca neste breve espaço, a partir de uma pequena seleção de poemas, é esboçar algumas características particulares da obra de Manoel de Barros e pelas quais é frequentemente evocado. São elas: o regionalismo pantaneiro, o olhar infantil e o *entortamento* da linguagem, seguindo as palavras do próprio Manoel de Barros: “Gosto de furar gramáticas, de entortar sintaxes”².

Analisando a obra de Manoel de Barros em seu início, nota-se que a primeira publicação, *Poemas concebidos sem pecado*, indica a busca de uma singularidade nos quadros de nossa literatura. O poema “Entrar na academia já entrei” exhibe os conflitos experimentados pelo homem regional vivendo na cidade que, contra a sua vontade, ainda mantém os modos de *bugre*. O deslocamento expresso no poema traça a necessidade de um lugar intermediário para a solução do conflito. Em *Gramática expositiva do chão*, publicado em 1966, observa-se que o espaço, com elementos regionalistas, não é mais produtor de conflito, dando lugar ao lirismo. Na obra há poemas com notas explicativas que se constituem em outros poemas, entortando a linguagem ao romper com a estrutura poética usual.

Em etapa seguinte de sua obra, Manoel de Barros prossegue na construção de um espaço poético próprio. Em “Prefácio”, de *Concerto a céu aberto*

2. Manoel de Barros é homenageado em Brasília. Disponível em <<http://noticias.terra.com.br/imprime/0,01237576-E1538,00.html>>. Acesso em 15/10/2009.

para solos de ave, de 1991, o poeta revela um mundo primevo, com elementos do pantanal tais como *moscas* e *caranguejos*; entretanto, estes referenciais são travestidos de uma aparência e providos de atitudes que só existem no mundo particular do sujeito poético. Na primeira parte do poema “Mundo pequeno”, de *O livro das ignoranças*, publicado em 1993, o nosso autor também descreve um universo à parte. Através da fabulação do real, feita a partir do olhar infantil, há a criação de um espaço particular mágico e fantástico. A infantilização é percebida, igualmente, pelo *retorcimento* da linguagem, ou seja, a inusitada troca das classes verbais, os substantivos que assumem função de verbos: “Quando o rio está começando um peixe, / Ele me coisa / Ele me rã / Ele me árvore...”.

Como última obra analisada, *Ensaio fotográfico*, publicado em 2000, exhibe um espaço materializado através de imagens compostas pelo poeta-fotógrafo. Para compreender tal abordagem, comparemos paralelamente os poemas “O poeta” e “Despalavra”: enquanto o primeiro utiliza a metalinguagem como recurso e a perspectiva infantil como propulsora da vocação poética para explicar a passagem do elemento poemático à construção de imagens, o segundo relata a própria transposição: “Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da despalavra”. Por fim, no poema “Borboletas” é flagrado o cenário produzido pelo poeta-fotógrafo, em que os elementos regionais do Pantanal ocupam todos os versos, materializando o espaço criado.

Embora os lugares descritos mobilizem características pantaneiras, transcendem o ambiente regional constituindo espaço super-regional. A expressão espaço super-regional foi utilizada por Antonio Candido para se referir à obra de Guimarães Rosa: “Entrando [...] pelo pitoresco regional mais completo e meticuloso, e assim conseguindo anulá-lo como particularidade, para transformá-lo em valor de todos”³. O poeta utiliza suas raízes na construção de um ambiente particular, revestindo-as de lirismo, e, para tal, mobiliza, como ferramentas dessa construção, sobretudo, o olhar infantil, o entortamento da linguagem e, por vezes, a metalinguagem. A dimensão super-regional de Manoel de Barros se apresenta como superação do conflito campo *versus* cidade, posto a abrigar um ser que, ao mesmo tempo que não pertence ao mundo urbano, não se circunscreve ou se resume ao espaço de onde se origina. A invenção criativa permite reconhecer nos textos de Manoel de Barros esse elemento universalizador que matiza toda a grande criação poética.

POESIAS

Entrar na Academia já entrei
mas ninguém me explica por que essa torneira
aberta
neste silêncio de noite
parece poesia jorrando...
Sou bugre mesmo
me explica mesmo

3. ALVES, Rogério Eduardo. *Manoel de Barros: o poeta fazendeiro*. 2005. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005.

me ensina modos de gente
me ensina a acompanhar um enterro de cabeça baixa
me explica por que um olhar de piedade
cravado na condição humana
não brilha mais que anúncio luminoso?
Qual, sou bugre mesmo
só sei pensar na hora ruim
na hora do azar que espanta até a ave da saudade
Sou bugre mesmo
me explica mesmo
se eu não sei parar o sangue, que que adianta
não ser imbecil ou borboleta?
Me explica por que penso naqueles moleques
como nos peixes
que deixava escapar do anzol
com queixo arreventado?
Qual, antes melhor fechar esta torneira, bugre velho...
(*Poemas concebidos sem pecado*)

Colear induz
Para rã
E caracol (2)

(2) O CARACOL – Que é um caracol? Um caracol é: / a gente esmar / com os bolsos cheios de barbante, correntes de latão / maçanetas, gramofones / etc. / Um caracol é a gente ser: / por intermédio de amar o escorregadio / e dormir nas pedras. / É: / a gente conhecer o chão por intermédio de ter visto uma lesma / na parede / e acompanhá-la um dia inteiro arrastando / na pedra / seu rabinho úmido / e / mijado [...]
(*Gramática expositiva do chão*)

Prefácio

Assim é que elas foram feitas (todas as coisas) –
sem nome.
Depois é que veio a harpa e a fêmea em pé.
Insetos errados de cor caíam no mar.
A voz se estendeu na direção da boca.
Caranguejos apertavam mangues.
Vendo que havia na terra
Dependimentos demais
E tarefas muitas –
Os homens começaram a roer unhas.
Ficou certo pois não
Que as moscas iriam iluminar

O silêncio das coisas anônimas.
Porém, vendo o Homem
Que as moscas não davam conta de iluminar o
Silêncio das coisas anônimas –
Passaram essa tarefa para os poetas.
(*Concerto a céu aberto para solos de ave*)

Mundo pequeno

O mundo meu é pequeno, Senhor.
Tem um rio e um pouco de árvores.
Nossa casa foi feita de costas para o rio.
Formigas recortam roseiras da avó.
Nos fundos do quintal há um menino e suas latas
maravilhosas.
Seu olho exagera o azul.
Todas as coisas deste lugar já estão comprometidas
com aves.
Aqui, se o horizonte enrubesce um pouco,
Os besouros pensam que estão no incêndio.
Quando o rio está começando um peixe,
Ele me coisa
Ele me rã
Ele me árvore.
De tarde um velho tocará sua flauta para inverter
os ocasos.
(*O livro das ignorâncias*)

O poeta

Vão dizer que não existo propriamente dito
Que sou um ente de sílabas.
Vão dizer que eu tenho vocação para ninguém.
Meu pai costumava me alertar:
Quem acha bonito e pode passar a vida a ouvir o som
das palavras
Ou é ninguém ou é zoró.
Eu teria treze anos.
De tarde fui olhar a Cordilheira dos Andes que
se perdia nos longes da Bolívia
E veio uma iluminura em mim.
Foi a primeira iluminura.
Daí botei meu primeiro verso:

Aquele morro bem que entorta a bunda da paisagem.
Mostrei a obra pra minha mãe.
A mãe falou:
Agora você vai ter que assumir suas irresponsabilidades.
Eu assumi: entrei no mundo das imagens.
(*Ensaaios fotográficos*)

Despalavra

Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da despalavra.
Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades humanas.
Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades de pássaros.
Daqui vem que todas as pedras podem ter qualidades de sapos.
Daqui vem que todos os poetas podem ter qualidades de árvores.
Daqui vem que os poetas podem arborizar os pássaros.
Daqui vem que todos os poetas podem humanizar as águas.
Daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo com suas metáforas.
Que os poetas podem ser pré-coisas, pré-vermes, podem ser pré-musgos.
Daqui vem que os poetas podem compreender o mundo sem conceitos.
Que os poetas podem refazer o mundo por imagens, por eflúvios, por afeto.
(*Ensaaios fotográficos*)

Borboletas

Borboletas me convidaram a elas.
O privilégio insetal de ser uma borboleta me atraiu.
Por certo eu iria ter uma visão diferente dos homens e das coisas.
Eu imaginava que o mundo visto de uma borboleta seria, com certeza,
um mundo livre aos poemas.
Daquele ponto de vista:
Vi que as árvores são mais competentes em auroras do que os homens.
Vi que as tardes são mais aproveitadas pelas garças do que pelos homens.
Vi que as águas têm mais qualidade para a paz do que os homens.
Vi que as andorinhas sabem mais das chuvas do que os cientistas.
Poderia narrar muitas coisas ainda que pude ver do ponto de vista de
uma borboleta.
Ali até o meu fascínio era azul.
(*Ensaaios fotográficos*)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rogério Eduardo. **Manoel de Barros: o poeta fazendeiro**. 2005. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005.

BARROS, Manoel de. **Ensaaios fotográficos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Poemas concebidos sem pecado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Record, 1993.

_____. **Concerto a céu aberto para solos de ave**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

_____. **Gramática expositiva do chão**: poesia quase toda. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: **A educação pela noite e outros escritos**. São Paulo: Ática, 1987.

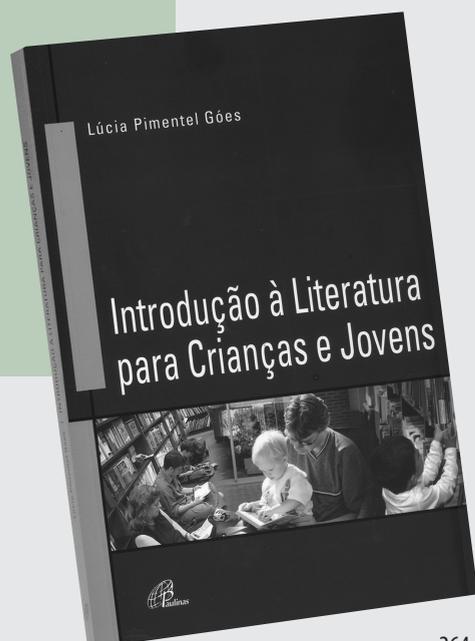
Endereço eletrônico

Manoel de Barros. Disponível em: <http://www.releituras.com/manoeldebarros_bio.asp>. Acesso em: 15 out. 2009.

Novos olhares sobre a Literatura Infantil e Juvenil

“O ideal da literatura é deleitar, entreter, instruir e educar as crianças, e melhor ainda se as quatro coisas de uma vez. [...]. Se não houver arte que produza o prazer, a obra não será literária e, sim, didática.”

Lúcia Pimentel Góes



264 págs. | Código: 516449
ISBN: 9788535625622

Os livros para crianças e jovens são literatura? Têm um papel a desempenhar na formação intelectual e sensível da criança? Obra de Lúcia Pimentel Góes, agora reeditada por Paulinas, descreve a função primeira da literatura para crianças e jovens, qual seja, estético-formativa, a educação da sensibilidade, que reúne a beleza da palavra e a beleza das imagens.

Partindo da indagação sobre a existência ou não de uma Literatura voltada às crianças e aos jovens, Góes desafia uma série de conceitos e definições que envolvem a questão, citando vários teóricos, não deixando, porém, de posicionar-se como pesquisadora. Aborda elementos que merecem a atenção de pais e profissionais na escolha de obras para os pequenos e jovens, como qualidade, efeitos da leitura, desenvolvimento infantil, origem, histórico, tipos e gêneros de textos.

Com base em reflexões teórico-práticas sobre a premissa de ressignificar Pedagogia e Arte, o livro da professora Maria Zilda da Cunha visa contribuir com a leitura crítica de obras de literatura infantil e juvenil para erigir critérios que possam balizar novas seleções, análises e a mediação do professor entre a criança e a literatura. Nesse sentido, nos oferece mais do que uma fundamentação teórica para a leitura, análise e crítica da produção literária em língua portuguesa para crianças e jovens de hoje.

Maria Zilda tece reflexões sobre a literatura do gênero, como fenômeno estético, considerando sua complexidade e intrínseca relação com a cultura, a história e a evolução social, perspectiva que a compreende neste mundo representado por novas tecnologias comunicacionais e mediado por novas formas de produção de linguagem.



232 págs. | Código: 516104
ISBN: 9788535625219



A venda na Rede Paulinas de Livrarias
Se preferir, ligue 0800 7010081 ou acesse www.paulinas.org.br